

O verdadeiro significado do enigmático “Pirulito que bate, bate” e outras incursões “arqueológicas” na imprensa brasileira

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – comentários e datação a algumas antigas cantigas infantis, como a enigmática “Pirulito que bate, bate”; jogos de linguagem e seções de variedades em jornais e revistas da imprensa brasileira do passado. O universo básico pesquisado é o dos periódicos que constam da “Biblioteca Nacional Digital”.

Palavras Chave: antiga imprensa brasileira. seções de variedades. cantigas infantis.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian ancient children’s songs, language games, entertainment sections etc. in newspapers and magazines of Brazilian ancient press, available in “Biblioteca Nacional Digital”.

Keywords: ancient Brazilian press. entertainment sections. Brazilian ancient children’s songs.

Introdução

Publico este artigo, como parte de um futuro livro, um Dicionário datado de expressões de nossa linguagem e cultura popular, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com uma preciosa ferramenta: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real para o Brasil.

Aqui analisaremos a datação (e o sentido) de antigas cantigas infantis, réplicas rimadas, piadas; antigos jogos de linguagem e o surgimento nos jornais de seções como palavras cruzadas, problemas de xadrez e horóscopo.

Certamente, estou ciente do fato de que essas datações envolvem um certo grau de imprecisão, sobretudo quando se lida com as limitações de um buscador que percorre milhares de periódicos.

I – Pirulito que bate, bate – Marcha, soldado... e outras cantigas de outras eras

Neste tópico trataremos da datação e de algumas dúvidas sobre esta que é considerada hoje uma das mais populares cantigas infantis: “Pirulito que bate, bate”. Com ela, por exemplo, o canal Baby Roger do youtube, obteve cerca de 200 milhões de visualizações (acesso em 01-09-2021):

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br



https://www.youtube.com/watch?v=9C7qgnA-UuU&ab_channel=BabyRoger

A cantiga tem já seus duzentos anos de existência documentada (!), o que impossibilita a ideia (universalmente aceita de modo acrítico) de que sua letra se refira ao pirulito, o doce que hoje conhecemos (conjectura-se que esse confeito tenha sido inventado durante a Guerra Civil Americana, na década de 1860).

Mas então que pirulito é esse que bate-bate e que já bateu? Será que não há aí nenhum significado a ser procurado, tal como na outra cantiga, também popularíssima, “Escravos de Jó”, que jogavam um tal de caxangá (?) com guerreiros fazendo zigueziguezá...?

Antes de mais nada, notemos que pirulito (com u) é grafia tardia: ao longo de todo o século XIX e até 1909, na BN, aparece sempre grafado com “o”, com uma única exceção (em u), em 1887 (“Novidades” RJ, 20-04-1887).

Segundo o Houaiss, “pirolito” (pelo dicionário datado de 1899) é o mesmo que “pirulito” (o doce enfiado no palito), mas o primeiro tem como uso informal “pau aguçado com que se picam os cavalos”. Na verdade “pirolito” tem sua primeira aparição na BN, 50 anos antes da datação indicada, em 1849, e nossa cantiga, já era então considerada um “clássico”:

... Aquelle tão alegre e classico *pirolito* que é uma delicia de ouvir-se:
Pirolito que bate, que bate,
Pirolito que já bateu,
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta della sou eu! ...
 (“O Beija-Flor”, 17-11-1849)

Na BN, as primeiras referências a pirulito como nosso conhecido doce surgem na BN na década de 20. Em 13-10-1923, artigo de Álvaro Sodr e na revista Fon Fon lamenta que o desvalorizado tost o j a n o vale mais nada e conclui:

Nem mesmo os baleiros te querem, nem a o menos os homens do
Pirulito! Como cahiste!

E, para o Carnaval de 1924, foi fundado em Recife:

O “Club dos Meladinhos ou Pirulitos em Folia” (...) apresentando um faustoso carro allegorico, no qual se v e um “meladinho”, tendo  a m o um enorm ssimo pirulito de goiaba. (“Jornal de Recife”, 27-02-1924)

A primeira menção de que se trata de uma cantiga infantil de roda está no poema “Pirulito que bate, bate” de Olegário Mariano (“Para Todos” RJ, 03-10-1925) que, então com 36 anos, recorda seus tempos de menino.

Nas décadas de 1850 a 1870, há várias menções ao “pirolito que bate”: como pseudônimo de um autor de críticas jocosas aos absurdos da sociedade; outro que se afirma incapaz de cantar, nem o “pirolito”; em uma paródia etc.

Uma menção a “pirolito” interessante (e à primeira vista, para nós hoje, enigmática) é a propósito da acirrada polêmica em Portugal (e também no Brasil), suscitada, na época, pelo então inovador método de ensino de leitura criado por António Feliciano de Castilho. Anunciando “notícias assustadoras” vindas de Coimbra e a veemente hostilidade ao “método repentino” de Castilho:

As autoridades tratam de pôr um cordão sanitario ao método repentino; pois tem mais medo do pirolito do que do cholera morbus.
 (“Diario do Rio de Janeiro”, 07-01-1855)

Aproximamo-nos da solução do enigma quando tomamos conhecimento de que em Portugal, “pirolito” é um tipo de música popular. Referindo-se a abusos litúrgicos do passado diz um jornal lisboeta:

Em Lisboa, são frequentes os queixumes da imprensa a respeito da introdução no serviço divino de trechos musicaes que se não casam com o ceremonial da igreja. Tivemos o *pirolito* e as *torradinhas* a par da liturgia latina entoada por padres.
 (“Jornal da Noite”, 07-02-1871)

Gonçalves (2012, 140 e 174) informa-nos que *pirolito* e *torradinhas* são música e danças populares. E o mesmo “Jornal da Noite” (07-11-1888) conta o caso de uma “sessão d’hypnotismo”, na qual o pobre voluntário caiu no ridículo e acabou bailando “ao som de uma valsa e fez passos do pirolito e da quizumba”.

Assim, o “pirolito” a que os críticos associam o método de leitura de Castilho, talvez se deva a referência pejorativa de ser (supostamente) indissociável da música e da cadência em seu “método repentino” (Cf. Albuquerque, 2019, p. 121). De fato, em uma dos mais ácidos artigos críticos da época ao método Castilho, Manuel Bernardo da Fonseca Claro da Silva e Sousa, recorda que, em 1853, em uma aula de um curso sobre esse “aborto da natureza (...) o methodo portuguez Castilho”, em vez de suspenderem a aula e guardarem luto pelo recente falecimento da rainha D. Maria II, mantiveram a sessão, mesmo com pouquíssimos assistentes e ausentes as pessoas que sabiam tocar música. A “solução” foi improvisada pelo professor:

Mas emfim... Vamos à lição, cantemos ou no pirolito, ou na barcarola...
 (“Imprensa e Lei” Lisboa, 18-01-1856)

Ainda sobre o pirolito como estilo típico de várias canções, lê-se no lisboeta “Jornal da Noite” (23-09-1879):

As phylarmonicas, ao saber das noticias que lhes são transmittidas de Lisboa, ora exprimem sua gratidão e seu jubilo nas deliciosas melodias do nacional pirolito ora rompem frementes, anarchicas nos seus sentimentos políticos e na harmonia musical, na revolucionaria Maria Cachucha.

[Em Portugal e no Brasil foi muito popular, na época, a cantiga Maria Cachucha, que acompanhava a viva dança de mesmo nome, proveniente da Espanha. Daí a oposição às melodias do *nacional pirolito*]

Em muitas formas musicais populares, a dança está associada à cantiga e vai até pontuada pela letra: na Ciranda, “vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar”; no Vira, “ó vira, que vira e torna a virar”. No pirolito, a letra marcaria o bate-bate de mãos e pés...

Parece-nos, portanto, muito mais plausível considerar o bate-bate do pirolito como uma marcação de coreografia de dança e não como o doce do palito.

Marcha, soldado... Também a marchinha satírica “Marcha, soldado” é do século XIX e aparece na BN em 1889, em contundente artigo de “O Mequetrefe”, que protesta contra a “tenente-coronelisação”. Note-se, de passagem, que este conceito surgiu na BN quase vinte anos antes do que “coronelismo” (datado por Houaiss de 1930), que só começará a aparecer na BN na década de 1900, em 2 isoladas ocasiões: “as espertezas do coronelismo do Norte” (“O Pharol” MG, 07-04-1907) e “o gaiato coronelismo sertanejo” (“Jornal do Recife”, 21-10-1908).

O articulista de “O Mequetrefe”, satiriza o fato de Cândido Luís Maria de Oliveira, Ministro da Justiça da época...:



...tenente-coronelizou a uma porção de illustres cavalheiros [entre os quais, muitos comerciantes!] e não tenente-coronelizou a mim [...] Pretendo d’ora em diante não mais fallar na injustiça de que fui victima, entregando-me sómente ao estudo da *marcha* da Guarda Nacional; porem no dia em que passar por baixo destas janellas o batalhão com os seus coroneis a me metterem figa, eu ponho as manoplas no canto da bocca e grito: – marcha soldado cabeça de papel... (“O Mequetrefe” RJ, agosto de 1889)

Em 20-06-1896, “O Paiz” cita a letra da canção:

Marcha soldado,
Cabeça de papel,
Marcha direito,
Que vais para o quartel

E em julho de 1893, o satírico “O Badalo” dá a seguinte:

Marcha soldado,
Cabeça de papel,
Marcha bem,
Vamos para o quartel

Claro que há variações de letra da cantiga: só no começo do século XX aparece: “Se não marchar direito / Vai preso no quartel”.



(“O Tico-Tico” RJ, 12-11-1913)

A brincadeira de batalhão da criançada podia continuar com a marcha cadenciada:

Um, dois, feijão com arroz (“Carioca”, 1938, ed. 143)
(três, quatro, tá no prato – etc.)

Outras cantigas. Também remontam ao século XIX as seguintes estrofes:

Si esta rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar
De pedrinhas de brilhante
Para o meu amor passar

E

O anel que vós me déstes
Era de vidro e quebrou-se
O amor que tu me tinhas
Era pouco, acabou-se
(“Gazeta Litteraria”, 20-03-1884)

Relativamente tardia na BN é a ciranda:

Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar
(“Diario de Pernambuco”, 25-02-1906)

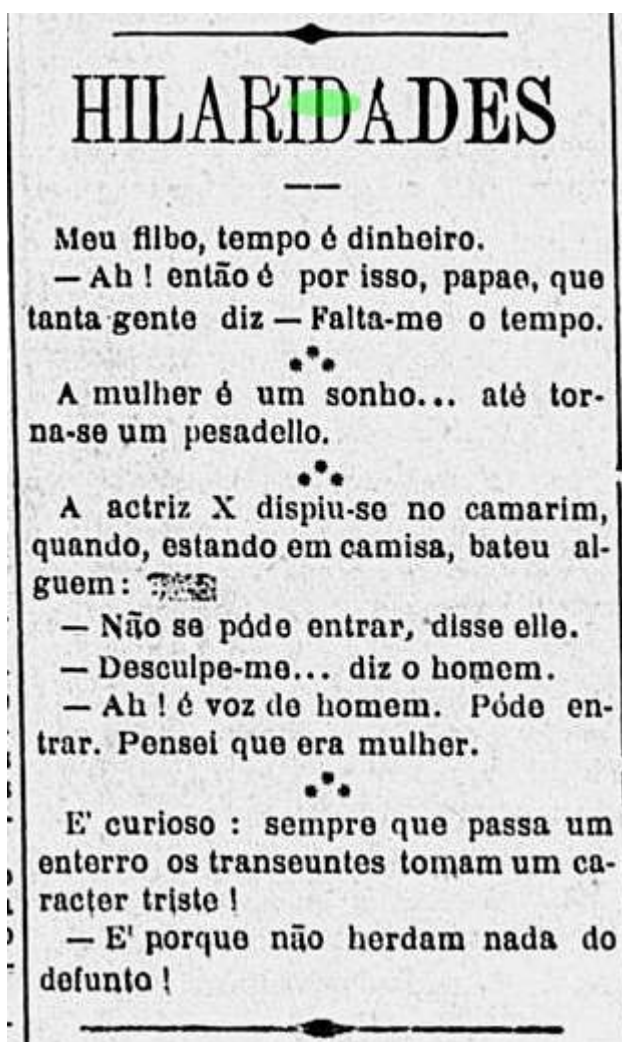
II – Outros jogos de linguagem e seções de entretenimento na antiga imprensa

Rélicas rimadas – Uma das manhas preferidas em outros tempos eram as rélicas rimadas, como estas duas, muito antigas:

O que há de novo?
Muita galinha e pouco ovo
(surge nesse formato na BN: “Diario de Noticias” RJ, 18-05-1893)

O que é isso?
Chouriço
(primeira aparição na BN em: “Anais da Biblioteca Nacional”, 1913)

Seção de piadas – Em 1896, o jornal carioca “Gazeta da Tarde” foi pioneiro em criar uma seção diária de piadas, intitulada “Hilaridades”. Um exemplo:

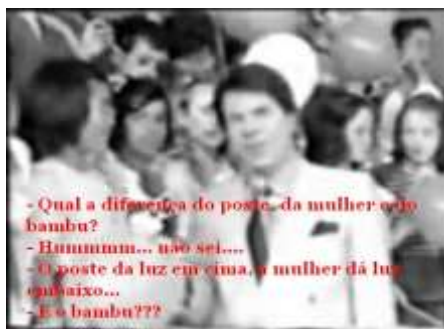


(03-06-1896)

Jogos de linguagem: “Sabe a diferença entre...” / “Qual o cúmulo...?” – Já no século VII, Isidoro de Sevilha propunha o exercício pedagógico de estabelecer a diferença entre palavras de significado próximo, como: agir e fazer, entender e compreender etc. (cf. <http://www.hottopos.com/videtur17/jean2.htm>).

Entre nós popularizou-se a brincadeira do “sabe qual a diferença?”, que surpreendentemente é já mais do que sesquicentenária na BN.

Dentre as inúmeras pegadinhas desse formato, a mais célebre foi aquela imortalizada pela garotinha que a aplicou a Sílvia Santos.



Já em 1869 aparecia na BN o seguinte par de “diferenças”: o espelho reflecte sem fallar; a mulher falla sem reflectir”; o espelho é polido; o homem, nem sempre.



“Semana Illustrada” (RJ, 1869, No. 480)

De tão frequente, a brincadeira se presta a lances de metalinguagem (Nota: “debicar” é zombar; “*morcego*” é o guarda noturno):

Um policia debica um preso.
 — Sabes a semelhança que ha entre um cavallo e um ladrão?
 — Não sei, não senhor.
 — Pois eu te digo. E' que ambos tem medo de *morcegos*.
 — E o senhor sabe qual é a diferença entre um policia e um burro?
 — Não sei, não.
 — Nem eu, tão pouco.

“Folha Livre” (SC, 13-03-1887)

Desde sempre, há também as infames:

- Qual é a diferença entre o forno e o sapateiro?

- No sapateiro há sapatos; o forno assa patos
("Revista da Semana" RJ, 22-05-1910).

“Qual é o cúmulo...?” – Muito tradicionais no Brasil, as piadas de cúmulo são também (quase) sesquicentenárias na BN. Alguns exemplos de nossos dias. Qual é o cúmulo:

... da confiança? Jogar palitinho por telefone.
... do absurdo? O mudo dizer para o surdo que o cego viu o aleijado correr.
... da amnésia? É... putz, esqueci!
... da organização? Tomar sopa de letrinhas e depois expelir em ordem alfabética.

Sua aparição na BN data de 1879, em várias incidências em jornais cariocas: “Jornal do Commercio”, “Jornal da Tarde”, e “Gazeta de Noticias”. Algumas amostras: “Qual é o cúmulo...”:

... da arte do oculista? Ir ao Niagara e extrahir-lhe a catarata.
... da amolação [aborrecimentos]? Amollar as canellas [apressar-se].
... da filança? Ser fumante e não comprante [filar um cigarro é pedi-lo a outrem]
... da castidade? Não acariciar nada; nem mesmo uma chiméra.

A consciência de que essas piadas eram abundantes (“moda”) e por vezes “infames”, seu autor no “Jornal da Tarde” (02-10-1879) inclui esta, zombando dos próprios “cumulistas”:

Qual o cumulo dos cumulos dos cumulistas da moda? Reunir todos os cumulos impressos e formar com elles o cumulo da asneira.

Os “cúmulos” andavam tão na moda que, ainda em 1879, o “Jornal da Tarde” divulga um concurso que oferece bons prêmios a quem der a resposta “com mais espirito” a 7 perguntas de cúmulo propostas.

Cinquenta anos depois, os cúmulos continuam em moda e o desenho abaixo brinca com o grande arquiteto francês Alfred Agache, que promoveu reforma urbanista no Rio, no tempo do prefeito Prado Júnior:



(“Critica” RJ, 09-04-1929)

Charadas em jornais. Praticamente tão antigas quanto os jornais, recolhemos algumas das primeiríssimas charadas que surgiram na BN (soluções após as charadas):

Presto descanso a todos os Viventes,.....2
Mas também os persigo e os devoro,..... 2

[Conceito:]

Sou animal pacifico sem dentes,
Nas mattas do Brasil, somente moro.
("O Censor Maranhense", 13-05-1826)

Destingo o dia da noite,.....1
Ao Rey dos judeos dei sorte;..... 2

[Conceito:]

Quer na paz ou quer na guerra,
Faço das Nações o forte.
("O Censor Maranhense", 31-03-1827)

Todo sencivel attaco,.....1
Vivendo sempre enterrada,.....2

[Conceito:]

Para couza alguma sirvo,
Pois só quero estar deitada.
("O Censor Maranhense", 31-03-1827)

Circumdo a terra.....1
D'heroes retrato.....2

[Conceito:]

Vive em jardins,
Vive no matto.
("Museo Universal", 16-06-1838)

Ao rei dos bosques por arma
A natureza me deu..... 2
Somos sete irmãs queridas
Das quaes a quarta sou eu.....1

Conceito

Fico em pé, deito-me ou rolo,
Sem braços, nem pernas ter,
Da boca vomito a morte,
Desordem, vida ou prazer.
("Monitor Campista", 29-05-1839)

Respostas: cama-leão, sol-dado, dor-minhoca, ar-busto e garra-fa

Trava-língua – s Os trava-línguas atravessam gerações. Já em 1893, como exemplo de aliteração, "A Capital" (26-05-93) apresenta o famoso:

O rato roeu a roupa da rainha.

E em 1896, edição de 5 de janeiro, aparece na "Gazeta da Tarde" –e como meio de cura para a gagueira "recitem diariamente e em jejum" – um trava-língua, muito conhecido ainda hoje:

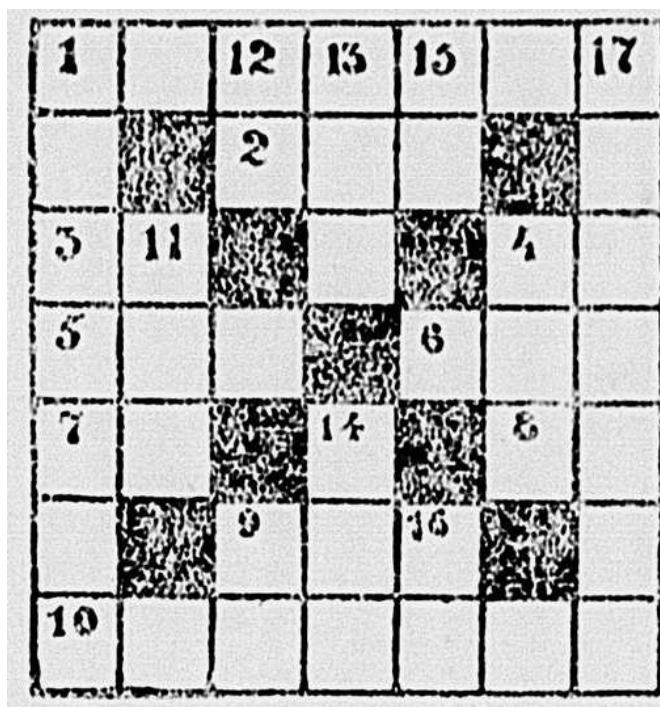
N'um ninho de maphagaphos
 Seis maphagaphinhos há
 Quem os desmaphagamaphisar
 Bom desmaphagamaphisador será



“Careta” RJ, 06-07-1946

Palavras cruzadas – O “boom” das palavras cruzadas no Brasil foi muito semelhante ao do sudoku em 2005. As palavras cruzadas foram criadas por Arthur Winne em 1913 para o jornal New York World e logo tornaram-se populares em todo o mundo. No Brasil, chegam em 1925, mais precisamente em 22-04-1925, no jornal carioca “A Noite” e, imediatamente, tornam-se uma febre, adotadas por vários outros jornais. O pioneiro lançamento de “A Noite” deu-se em bombástica matéria em primeira página: “O moderno jogo de paciência que empolga os europeus e os yankees”, que os cariocas já tinham visto estrangeiros “nos omnibus e bondes” ocupados com elas em jornais da Europa e dos EUA.

E para ensinar o “curiosíssimo quebra-cabeças” oferece ao leitor um exemplo simples, que reproduzimos aqui por seu valor histórico:



Lido horizontalmente:	Lido verticalmente:
1 — Um sentimento.	1 — Gilada.
2 — Parte do anno.	4 — Conjunção.
3 — Pequeno batrachio.	9 — Matriz.
4 — Nota musical.	11 — Criada de categoria.
5 — Irmã de mãe.	12 — Numero e artigo.
6 — Material de construção.	13 — Depois de nove.
7 — Não ficava.	14 — Casa.
8 — Desacompanhado.	15 — No baralho.
9 — Tempero de cozinha.	16 — Estudei.
10 — Deu o nome á America.	17 — No fim.

Solução



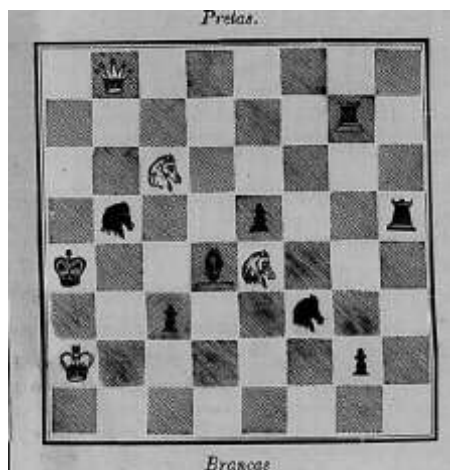
“A Noite”, 22-04-1925

As palavras cruzadas recebiam soluções só muitos dias depois de publicadas, para que os (no caso abaixo, 1813!) leitores interessados tivessem tempo de enviar suas respostas para os jornais e concorrer a prêmios (como o de 1000 cigarros Esplanada!). O semanário paulistano “O Sacy” publicou um concurso em 08-01-1926 e só em 29-01-1926, anunciou os vencedores sorteados:

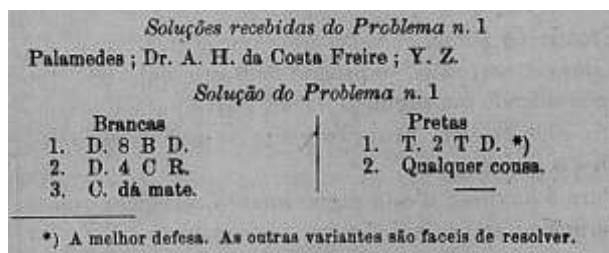
O CONCURSO	A ENTREGA DOS PREMIOS
<p>Em resposta ao concurso de Palavras Cruzadas que publicamos em nossos 1.º e 2.º numeros, recebemos 1813 soluções, das quaes 1562 exactas. Dentre os nossos leitores fizemos o sorteio dos tres premios prometidos. Conberam elles ás seguintes pessoas:</p> <p>CAVALHEIROS: — Sr. José de Castro — Residencia: Rua Tabatinguera, 67 — S. Paulo.</p> <p>SENHORAS: — Sra. D. Leontina Guimarães — Residencia: Olympia.</p> <p>CRIANÇAS: — Menina Elisa Neves — Residencia: Rua Machado de Assis, 8 — S. Paulo.</p>	<p>Os dois leitores premiados, residentes na Capital, poderão vir retirar os seus premios — Um milheiro dos deliciosos cigarros “ESPLANADA” e Um livro illustrado, na Redacção do “O Sacy”, das 10 ás 12 horas, em qualquer dia.</p> <p>A leitora, premiada com Um vidro de extracto, residente em Olympia, receberá o premio pelo correio.</p>

Problemas de xadrez – Muito antigas são também as colunas de xadrez, privilegiando problemas desse jogo, do tipo clássico: as brancas jogam e dão mate em 2 (ou 3 etc.) lances. Talvez a primeira na BN seja a (efêmera) coluna “Jogo do Xadrez”, de a “Ilustração Brasileira”, inaugurada em 1 de fevereiro de 1877.

Dedicada aos problemas de xadrez, a “Revista Musical e de Bellas Artes”, em sua edição de 3 de maio de 1879, lança “a pedido de muitos amadores e a exemplo de alguns collegas nossos da Europa (...)uma columna especial ao xadrez”. E apresenta em seguida seu problema No. 1: as brancas jogam e dão mate em 3 jogadas:



Duas semanas depois (17-10-1879), publica a engenhosa solução e os nomes dos acertadores:



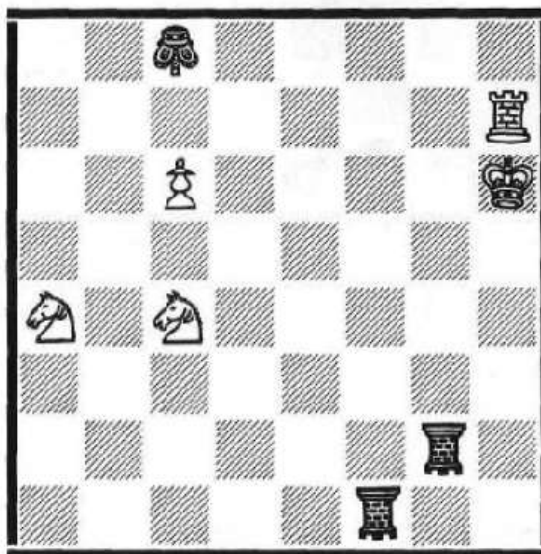
Essa primazia dos problemas de xadrez é algo que acompanha o jogo desde sua introdução no Ocidente, em 1283, com o *Libro del Acedrex* do rei Alfonso X. Dom Alfonso apresenta cerca de 100 problemas nesse seu livro. Recolho aqui algumas considerações que fiz alhures a propósito do xadrez medieval (Lauand, 1988, cap. 6):

O problema, que é justamente considerado a poesia do xadrez, teve extraordinária importância no mundo árabe. E basta examinar as primeiras coleções européias de problemas de xadrez para constatar que se apóiam em fontes árabes.

Junto com a dimensão estética, o problema tem uma missão formativa: desenvolver a habilidade do enxadrista. Além do mais, no problema desaparece o inconveniente do xadrez medieval: sua excessiva morosidade. No problema, tanto na Idade Média como hoje, tudo se desenvolve a partir de uma posição previamente dada; artificial, é certo, mas por isso mesmo didática. E no problema que se aprendem manobras e seqüências fundamentais para uso nas partidas.

(...)

Problema 67 do *Libro del Acedrex* (1283): as brancas jogam e dão mate em três lances



1. C6D+ R1C
2. T7C+ R1T
3. C6C mate

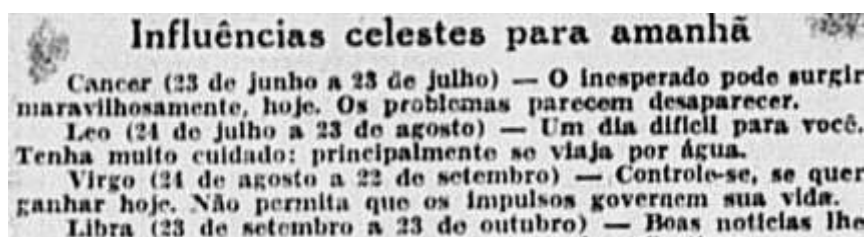
Se hoje estão praticamente extintas, muitos jornais mantiveram ao longo do século XX suas colunas de xadrez, alguns atingindo nosso século – um marco desse desaparecimento foi o encerramento da coluna enxadrística do “The New York Times” em 2014.

Horóscopo – Uma curiosidade: antes do boom dos horóscopos, tiveram muito sucesso em alguns jornais e revistas as seções de “graphologia”, sobretudo na década de 30. Ofereciam uma análise individual da personalidade do missivista, embora tivessem a dificuldade da demora da resposta, devido às inúmeras consultas recebidas. O jornal carioca “Correio da Manhã” tendo inaugurado, no começo de 1930, uma seção dominical de consultas grafológicas, a cargo de Mme. Ignez Vellasco, registra já em sua edição de 26-01-1930 a avalanche de 732 cartas recebidas e somente 186 respondidas (em média com breves 4 linhas da coluna), fato pelo qual a grafóloga pede paciência aos leitores.



A popular revista “A Cigarra” avisa (edição de maio de 1939) que a seção de grafologia subsidia a coluna (outra moda da época) “Consultório Sentimental”, na qual as leitoras falam de suas aspirações e desenganos no amor.

Durante muito tempo as seções de Horóscopo nos periódicos abrangidos pelo programa buscador da BN limitavam-se ao dia de cada edição e começavam com fórmulas como: “se você nasceu no dia de hoje...”.. Só em 22-07-1947, o pioneiro jornal carioca “A Noite” publica a seção diária – intitulada precisamente “Horóscopo para hoje” –, assinada por Stella, com a inovação de dedicar a cada signo um par de linhas para o dia seguinte ao da edição. Mas ainda dedicava metade de seu espaço ao horóscopo do aniversariante do dia, o que Stella manteve ainda por alguns anos. Ao lançar a seção, os nomes dos signos eram em latim, mas dois dias depois já os estamparam em português. Só em 1956, “A Noite” assume a forma, usual hoje, dos horóscopos só por signos.



A pioneira coluna de Stella em “A Noite” (22-07-1949)

Um jornal como o vetusto Estadão só começou a publicar seu genérico “Dia astral” em 1953 e, em 1960, o “Destino Astral”, referente à semana (como um todo) de cada signo. Só com Oscar Quiroga, desde 1986 (e até hoje, 02-09-2021), viria a cobrir isoladamente cada signo todo os dias.

Referências

Gonçalves, Isabel Maria Dias Novais **A música teatral na Lisboa de Oitocentos:** uma abordagem através da obra de Joaquim Casimiro Júnior (1808-1862). Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 2012.

Albuquerque, Suzana Lopes de **Métodos de ensino de leitura no Império brasileiro:** António Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot. Tese de doutoramento, Faculdade de Educação da USP, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19112019-163229/publico/SUZANA_LOPES_DE_ALBUQUERQUE.pdf. Acesso em 02-02-21.

Recebido para publicação em 02-09-21; aceito em 20-09-21